

Fábio nega que haja crise

«Não existe crise e sim manipulação em torno de fatos estritamente administrativos e hierárquicos, entre a responsabilidade executiva de um ex-diretor de um complexo escolar em relação à administração central». A afirmação é do secretário de Educação, Fábio Bruno, ao comentar a demissão do diretor do Complexo Escolar «A», da Ceilândia, Erasto Mendonça, pela Fundação Educacional.

Erasto Mendonça se solidarizou com o diretor da Escola Classe nº 05, José Geraldo, que se negou a cadastrar os irmãos de alunos a serem atendidos pelo Projeto Irmãozinho e foi afastado do cargo. Segundo Fábio Bruno os dois professores se negaram a implementar o projeto, não permitiram que a Fundação Educacional o executasse e não apresentaram seus pedidos de demissão. «O correto — acentua o Secretário — seria que pedissem demissão, reafirmando com isso sua integridade de pensamento com as suas atitudes».

Em seguida, Fábio Bruno explica que a escola é democrática na medida em que ela tem o direito de

discutir, apresentar suas divergências, mas sempre em relação à decisão da maioria. «Numa administração — frisa — isso é absolutamente necessário». Lembra que a diretoria da Fundação Educacional discutiu com todos os diretores de complexos e de escolas sobre a implantação, do projeto que é previsto pelo Plano Emergencial do Governo Federal, e todos opinaram favoráveis, exceto os dois professores que discordaram ideologicamente. «A Fundação — cita — resolveu assumir o projeto nos colégios em que eles dirigem, mas eles se negaram a ajudar e a permitir qualquer trabalho», explica.

Ao rebater argumentos de que o Projeto Irmãozinho é uma esmola mensal, de caráter assistencialista, o secretário destaca que não há como proceder em defesa de crianças carentes senão em caráter primeiramente emergencial.

Informa que no Complexo «A» de Ceilândia foram distribuídos alimentos para 9 mil irmãos de alunos. Na Ceilândia, a Fundação Educacional já distribuiu 24 toneladas de alimento desidratado.

“Irmãozinho” começou tudo

O início da crise na Fundação Educacional do Distrito Federal aconteceu no mês passado, quando diretores e professores dos Complexos Escolares “A” e “C” da Ceilândia questionaram a implantação do projeto do governo federal “irmãozinhos”, que prevê a distribuição mensal de 1.200 gramas mensais de alimentos desidratados para os irmãos dos alunos, com idade entre quatro e seis anos.

Na ocasião a FEDF, através dos diretores dos complexos, foi informada da oposição das 66 escolas da rede. Eles disseram que o projeto só deveria ser implantado após discussão com a comunidade, onde se esclareceria que a ajuda em nada contribuiria para as mudanças das condições de vida da população da Ceilândia.

Para eles o resultado mais imediato da implantação seria o acúmulo de funções dos funcionários das escolas a falta de pessoas para realizar o cadastramento, a inexistência de material para por em andamento o processo e a ausência de espaço físico para acomodar os irmãos dos alunos. A solução, segundo os diretores propuseram, seria a incrementação da merenda escolar para os alunos, já que a atualmente o atraso dos alimentos é grande, o volume é baixo para o número de alunos e a comida vem sem tempero, obrigando professores e diretores a desembolsarem dinheiro do próprio bolso para a compra de sal, pimenta ou açúcar.

Diante desta atitude a FEDF realizou o cadastramento dos alunos do Complexo Escolar “B”, sendo que alguns foram à Escola Classe nº

5 do Complexo Escolar “A” para realizarem sua inscrição. Como o diretor do complexo, Erasto Mendonça, não tinha autorizado o cadastramento, o diretor da escola, José Geraldo Ferreira, pediu que os alunos se dirigissem diretamente à direção do complexo. Entretanto, os alunos não compareceram. Informado do fato o diretor executivo da FEDF, José Silva Quintas, demitiu o diretor pelo telefone, sem nem mesmo consultar o diretor do Complexo “A”.

As reuniões para discutir a situação do diretor da Escola Classe nº 5 deram em nada e ele não foi readmitido. Os diretores das 26 escolas “A” e “C” de Ceilândia decidiram então, no dia 23 de julho, pedir a sua demissão, mas a medida não foi aceita. No dia 30 é nomeada uma professora para ocupar a diretoria da Escola nº 5, no dia 4 ela se exonera do cargo.

No dia cinco deste mês o diretor do Complexo Escolar “A”, Erasto Mendonça, é chamado à Secretaria de Educação, onde apresenta a contra-proposta dos diretores pedindo a rediscussão do projeto “Irmãozinhos”. Enquanto acontecia esta reunião, a professora que tinha se exonerado um dia antes, chega à Escola Classe nº 5, acompanhada por aparato policial e assessores administrativos e dispensa a secretária escolar. E quarta-feira, enquanto o diretor do Complexo “A” discutia com o diretor executivo da FEDF, José Silva Quintas, a professora Alda Ilza de Lima, assumia a direção do complexo “A”. Só ao voltar ao complexo é que Erasto Mendonça soube de sua demissão.